

O idioma cifrado dos mais jovens

Ricardo Mendes
Da equipe do **Correio**

A partir de amanhã, Brasília estará exportando uma nova palavra para a língua dos brasileiros: *djórours*. Sinônimo de cerveja e, por extensão, de outras bebidas alcoólicas, *djórours* é também o título da música que o grupo brasileiro Maskavo Roots estreará nas rádios em 22 de abril, abrindo caminho para seu segundo disco. Logo, a gíria vai estar em clip e aparecerá na televisão, promovida pela gravadora multinacional Sony. Nascido em um papo de botequim, o vocábulo mostra o que vem sendo comprovado por pesquisas do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB): o Distrito Federal tem expressões e sotaques (no plural) próprios.

Um dialeto multiplica-se na terra onde as ruas são chamadas de conjuntos, as avenidas são vias ou eixos e as rodovias têm o nome de estradas-parque. E, como em outras regiões e países, os inovadores da linguagem não são acadêmicos. São jovens de diferentes classes sociais, que criam expressões em seus círculos de amizade. Palavras que nascem como senhas e podem ser efêmeras ou ganhar popularidade até serem ouvidas em quase todos os endereços.

“São expressões que nascem dentro da galera, quase um código”, percebe o vocalista do Maskavo Roots, Marcelo Vourakis, 24 anos, quase repetindo o diagnóstico da chefe do Departamento de Linguística da UnB, Enilde Faulstich. “A comunicação entre os jovens é quase cifrada”, avalia a pesquisadora. “Eles têm liberdade para criar palavras novas, com significados próprios.”

Foi assim que surgiu *djórours*, a palavra. Há três anos, em um dia que nem eles sabem precisar, o músico Iuri Scardua Rodrigues, 26 anos, e o ator Adriano Siri, 29, batiam papo em um bar da CLS 109. Começaram, então, a brincar com a pronúncia de outra gíria usada para bebidas: *goró*. Com a ditação enrolada pelo álcool, chegaram a *djólous*. Gostaram da palavra, passaram-na para os amigos, e mais gente adotou-a. Nos shows da sua antiga banda, Os Wallaces, Iuri encarnava o personagem Bodó Cheiroso e pregava: Só o *djólous* salva! O Maskavo trocou o *L* pelo *R* ao compor sua nova música, que levará a expressão para outras cidades. Mas os amigos que criaram o neologismo já estão em outra. Estão falando *johnny*, ao invés de *djólous*.

GÍRIAS

Em Brasília, as palavras multiplicam-se como os modismos e as bandas de rock. No último dia 13, a pesquisadora Cirlene Magalhães Almeida, também do Departamento de Linguística da UnB, reuniu oito pessoas com idades entre 14 e 26 anos para fazer um levantamento atualizado de gírias. Com isso, catalogou 130 vocábulos. Difícil é diferenciar o que é próprio da capital do que nasce em outras regiões.

Em seu levantamento, Cirlene Almeida divertiu-se com a criatividade dos jovens. Roupas femininas que é fácil de ser tirada no namoro chama-se vestidinho *fast-food*. Rapaz fútil e de boa renda vira *bodinho*. Uma vez que mulher feia recebe o nome de *dragão*, quem *dá uns amassos* nela pode ser chamado de *Power Ranger* — herói japonês que enfrenta répteis gigantes — ou de *São Jorge*, representado em luta de lança com um des-

ses monstros do imaginário medieval.

Há expressões mais difundidas que essas. Frequentado por *bodinhos*, o Centro Comercial Gilberto Salomão, no Lago Sul, virou *bobódromo*. *Bater um rango* equivale a fazer um lanche. Ônibus é *busu* ou *baú*. Jovem cafona e sem bons-modos leva fama de *peão*. Se ele gosta de andar sem camisa e procurar briga, recebe o carimbo de *mala*. Quando tem o hábito de comer bobagens, chamam-no de *prego*. Mau caráter transforma-se em *rato*. Quem se perde no meio de uma conversa, dirigindo-se a outro assunto, *viaja na maionese*. Aquele que acha uma festa chata, não diz que vai embora. *Vou vazar* é a senha.

Outras gírias são mais comuns na periferia. Em Ceilândia, raro é o jovem que não sabe que uma coisa *de rocha* é algo muito bom. Ou uma pessoa confiável. *Parada* é substantivo de múltiplos significados, servindo para designar situação, coisa por resolver, compromisso assumido (“Combinei uma *parada* com fulano”). *Burro preto*, que designa Opala negro de quatro portas, tornou-se apelido para veículo policial.

Os brasilienses que viajam pelo Brasil estão acostumados a ouvir pessoas comentarem o fato de eles repetirem certas expressões. Principalmente, duas usadas como vocativo, termo sintático para chamar a atenção do ouvinte: *vêi* e *cara*. É o que diz X (pronuncia-se équis), 29 anos, vocalista do conjunto de rap Câmbio Negro e morador de Ceilândia. “Quando alguém diz *vêi* ou *vêio*, já se sabe que é de Brasília”, constata ele, com dois discos lançados. “Dizem que a gente fala muito *cara* quando está conversando”, completa Quim, 24 anos, tecladista do Maskavo Roots.

Jorge Cardoso 13.11.96



O grupo Maskavo Roots está lançando um novo disco e uma nova palavra, *djórours*, usada para dar nome a cerveja